Capítulo 9. A Dinâmica Demográfica dos Mucajaí Yanomami uma entrevista com John Early

Ricardo Ventura Santos
Heloísa Pagliaro
Marta Maria Azevedo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANTOS, R.V., PAGLIARO, H., and AZEVEDO, M.M. A Dinâmica Demográfica dos Mucajaí Yanomami: uma entrevista com John Early. In: PAGLIARO, H., AZEVEDO, MM., and SANTOS, RV., comps. *Demografia dos povos indígenas no Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, pp. 167-192. Saúde dos Povos Indígenas collection. ISBN: 978-85-7541-254-1.
<https://doi.org/10.7476/9788575412541.0010>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Ricardo Ventura Santos, Heloísa Pagliaro
e Marta Maria Azevedo

Apresentação

Durante o seminário 'Demografia dos Povos Indígenas no Brasil', realizado na Universidade Federal de São Paulo em novembro de 2003, promovido pelo Comitê de Demografia dos Povos Indígenas, da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (Abep), contou-se com a presença do Dr. John D. Early, antropólogo e demógrafo, professor aposentado do Departamento de Antropologia da Florida Atlantic University, Flórida, Estados Unidos.

Juntamente com John Peters, John Early é autor de dois importantes livros sobre a demografia dos Yanomami, a saber: *The Population Dynamics of the Mucajai Yanomama* (Academic Press, 1990) e *The Xilixana Yanomami of the Amazon* (University Press of Florida, 2000). Esses livros, publicados nos Estados Unidos, infelizmente não foram traduzidos para o português. Além dessas duas obras, John Early escreveu trabalhos em que analisou variados aspectos da demografia de povos nativos na Guatemala e nas Filipinas.

No seminário em São Paulo, John Early apresentou um panorama geral de seus estudos demográficos sobre os Yanomami. Tais investigações estão seguramente entre as mais detalhadas e sofisticadas – para não mencionar o período de tempo abrangido – análises existentes sobre a demografia de povos indígenas no Brasil.

Ao receber alguns meses depois o trabalho de Early, tomou-se a iniciativa de consultá-lo quanto à possibilidade de transformar seu texto em uma entrevista. A motivação não foi somente o tom pessoal que John imprimiu em vários trechos, mas também a tentativa de recuperar a atmosfera de intenso e instigante diálogo intelectual que os participantes mantiveram com Early durante os dias do seminário. A sugestão foi acolhida com entusiasmo pelo antropólogo. Passou-se, então, à tarefa de rearranjar o texto original de Early em uma estrutura de pergunta-resposta.

Espera-se que os leitores aproveitem tanto quanto os participantes, que tiveram a oportunidade de interagir com John Early durante o seminário, o conteúdo da entrevista desse importante pesquisador no campo da demografia dos povos indígenas no Brasil.

Como surgiu a idéia de desenvolver a pesquisa sobre a demografia dos Yanomami?

John Peters e eu começamos a trabalhar juntos em 1983 por meio de uma troca de cartas. Inicialmente, John era missionário. Em 1957, ele subiu o rio Mucajaí e estabeleceu o primeiro contato permanente com os Yanomami que então viviam na porção média desse rio. No ano seguinte, ele ajudou a estabelecer um posto missionário no local, sendo acompanhado pela noiva, Lorraine, que tinha formação em enfermagem. Com os quatro filhos, eles viveram entre os Yanomami durante nove anos, de 1959 a 1967, quando voltaram para o Canadá. John obteve o doutorado (Ph.D.) em antropologia nos Estados Unidos e começou a lecionar sociologia na Universidade Wilfrid Laurier, no Canadá. Nos anos posteriores, ele fez seguidas viagens aos Yanomami para renovar velhos laços de amizade.

Eu fiz minha tese de doutorado entre os Maia do México, como membro do projeto de pesquisa Harvard-Chiapas. Depois trabalhei muitos anos entre os Maia da Guatemala, seja como pesquisador ou como agente de desenvolvimento comunitário, em programas de alfabetização, saúde pública, crédito e cooperativas agrícolas. Em 1982, publiquei um livro sobre a dinâmica populacional dos Maia guatemaltecos (Early, 1982, 2000). Eu pretendia retornar à Guatemala para dar continuidade à pesquisa, mas não pude fazê-lo por causa de impedimentos de ordem civil e eclesiástica. Foi nessa época que teve início minha colaboração com Peters. Começamos a elaborar um banco de dados demográficos e etnográficos com base nas informações coletadas por Peters junto aos Yanomami.

Pela sua experiência, como você percebe as potenciais contribuições entre antropólogos e demógrafos em estudos sobre os povos indígenas?

A tendência tem sido antropólogos e demógrafos trabalharem isoladamente. Em casos extremos, alguns antropólogos discutiram dinâmica populacional de forma especulativa, sem um tratamento demográfico mínimo que pudesse eliminar o caráter especulativo da análise. A discussão sobre o infanticídio Yanomami na literatura antropológica é um bom exemplo disso. Já pelo lado da demografia, os casos extremos resultaram em demógrafos apresentando índices quantitativos, mas incapazes de fornecer explicações convincentes para esses números. Por exemplo, sem a compreensão do sistema de parentesco Yanomami de primos cruzados, torna-se impossível entender os padrões de casamento e a migração entre aldeias. Os problemas intelectuais exigem os

conhecimentos das duas disciplinas e o melhor trabalho é realizado quando a mesma pessoa, ou um grupo trabalhando em estreita proximidade, detém os conhecimentos de ambas.

E sobre a participação de missionários?

Uma parte crucial de nosso estudo foi o fato de termos trabalhado com missionários. Eles possuíam duas características essenciais para o sucesso da pesquisa: estavam permanentemente com os Yanomami e falavam a língua deles. Cientistas sociais, em geral, trabalham em instituições acadêmicas ou na burocracia governamental, e muitas vezes só têm condições de realizar pesquisas de campo relativamente curtas. No caso dos povos indígenas, e em muitas outras situações, análises demográficas substanciais em geral requerem dados coletados ao longo de um maior período de tempo, como vários anos. Conseqüentemente, as condições de trabalho dos cientistas sociais geralmente não são favoráveis à coleta de dados demográficos de alta qualidade. Apesar disso, os cientistas sociais costumam ser céticos quanto ao trabalho em cooperação com missionários. Mas há vários tipos de missionários. Eles se distribuem num espectro que vai desde o fanatismo religioso até o humanismo calcado na religião. Nos três grupos em que fiz pesquisa, estive envolvido com instituições religiosas que tinham presença constante em campo (entre os Maia, por exemplo); ou trabalhei diretamente com missionários, a saber, John Peters e aqueles que o sucederam (entre os Yanomami) e Thomas Headland (entre os Agta, nas Filipinas). Para o bem da pesquisa, é preciso superar alguns preconceitos profissionais e religiosos.

Fale-nos sobre a base de dados que você e Peters geraram.

Fizemos um registro demográfico para cada indivíduo que viveu no Mucajáí no período de tempo abrangido pela pesquisa. A ficha de cada um desses indivíduos contém as seguintes informações: a) nascimento: ano, mês, dia e local de nascimento, nome do pai ou de cada homem considerado pai (no caso de haver mais de um) e nome da mãe; b) morte: ano, mês, dia, local e causa da morte; c) imigração: ano, motivo da imigração, local de origem e de destino (em que aldeia fixou residência); d) emigração: ano, motivo da emigração, local de origem e de destino. Registramos também informações sobre abortos provocados e morte fetal. Para os dados não quantificáveis foram criados alguns códigos. Toda essa massa de informação foi então compilada em uma base de dados computadorizada. A dificuldade de construir um banco desse tipo está justamente na obtenção de informações detalhadas sobre cada indivíduo. Os

missionários forneceram esses dados, coletados desde 1968 até o final de 1995. Peters verificou as informações voltando sete vezes a campo.

Especificamente, como foi estruturada a base?

A base de dados foi construída, como disse, utilizando registros individuais dos Yanomami. Embora seja uma tarefa demorada, compilar a história demográfica de cada indivíduo permite muito mais possibilidades de análise do que teríamos caso utilizássemos dados previamente agrupados. Há muito material coletado por organizações governamentais ou privadas, com finalidades administrativas, por exemplo. Os censos nacionais são o maior exemplo. No entanto, mesmo se os dados do censo fossem compilados em registros individuais – e muitos não o são –, eles são sempre sintetizados para fins de publicação. A Comissão de População das Nações Unidas sugeriu alguns formatos para esses resumos, mas em muitos deles há distorções subjacentes. Por exemplo, eles tomam por base a estrutura das sociedades industriais, que não é necessariamente apropriada para lidar com sociedades não industriais e com setores não industriais – rurais e indígenas – das sociedades industriais (Early, 1982:170-180; 2000:205-215). Também podem ocorrer problemas de comparabilidade dos dados, quando as diferentes agências adotam formatos sugeridos, porém, distintos. Já quando uma base de dados é montada valendo-se da história demográfica de cada indivíduo, é possível arranjar os dados de quase todas as maneiras indicadas pelas informações históricas e etnográficas ou pelas teorias demográficas.

O que você apontaria como a maior dificuldade metodológica enfrentada no estudo?

O problema mais difícil da pesquisa foi obter as datas para compor a história demográfica de cada um dos indivíduos. Utilizar como parâmetro a contagem de anos e a idade que os indivíduos tinham quando passaram por determinado evento demográfico é uma necessidade de qualquer análise demográfica mais profunda. Sem isso, é impossível avançar para além de uma análise elementar, baseada em taxas brutas. É um problema sério determinar a idade das pessoas em populações indígenas. Geralmente não são letradas, possuem um sistema de contagem básico e não consideram a precisão de datas e idades como algo relevante. Para nós, a data de nascimento é a mais importante, pois sem ela não se pode determinar a idade em que outros eventos demográficos acontecem. Em nossa pesquisa, isso era um problema sempre que se tratava de todas as pessoas que nasceram, morreram ou migraram durante o período pré-contato.

Era um problema inclusive quando se tratava de mortes, imigrações ou emigrações que ocorreram após o contato, mas de pessoas que nasceram antes dele.

Como vocês resolveram esse problema?

Nós elaboramos histórias de vida reprodutiva de cada mulher. Os dados iniciais para construirmos tais histórias foram obtidos pela genealogia dos nascimentos até 1959, e pelos registros de nascimento posteriores a 1958. Isso nos deu, para cada mulher prolífica, uma lista preliminar de seus filhos por ordem de nascimento. A esse material, acrescentamos todas as datas de nascimento conhecidas, assim como as idades das mães à época dos nascimentos (posteriores a 1958). Tais dados serviram de base. Informações adicionais foram deduzidas dos padrões presentes nos 'relógios' biológico e cultural que regulam início, duração e término do período reprodutivo. A estratégia principal foi desenvolver critérios que se valessem daqueles dados das histórias de vida reprodutiva que sabíamos ser confiáveis. Então, nós os utilizamos para reconstruir a população de antes do contato. O uso de histórias de vida reprodutiva para esse fim pressupõe que a estrutura de fecundidade tenha permanecido relativamente constante ao longo de todo o período considerado para a derivação e aplicação dos critérios. Isso foi verificado mediante investigação etnográfica; foi verificado, também, pela constatação da grande proximidade entre os índices de fecundidade gerados pela análise da coorte passada (ou retrospectiva) e da coorte atual de mulheres (Early & Peters, 1990:51).

E as datas de nascimento, como foram calculadas?

As datas de nascimento de que não dispúnhamos e que, portanto, precisavam de ser estimadas, foram derivadas da seguinte forma: tomamos uma data de nascimento conhecida na mesma história (isto é, de uma mesma mulher) e fizemos um cálculo levando em conta a extensão/duração média do intervalo entre os nascimentos. Usamos três variações do mesmo método para determinar datas de nascimento do período anterior ao contato. De uma história de vida reprodutiva cuja data de nascimento de pelo menos um sibling (irmão ou irmã) conhecíamos, subtraiu-se essa data do tempo médio de intervalo entre os nascimentos para obtermos a data de nascimento estimada do sibling imediatamente anterior. Esse procedimento foi repetido para calcular o nascimento do próximo sibling mais velho, e reiteradamente até chegarmos ao primeiro sibling. Peters e eu descrevemos em um de nossos livros como os

padrões biológicos e culturais de reprodução Yanomami criam um certo ritmo nos nascimentos das crianças (Early & Peters, 1990:37-51). O tempo médio de intervalo entre eles expressa esse ritmo.

No cálculo da extensão média dos intervalos, só entraram os nascimentos cujas datas eram exatas. Tínhamos códigos de qualidade relativos ao número de elementos conhecidos nas duas datas de nascimento que definiam o intervalo. Fundamentado neles, foi criado um código adicional para a qualidade do intervalo em si. Esse código de qualidade indicava se, em um dado intervalo, as duas datas de nascimento que o definiam eram exatas ou eram parcialmente estimadas no que diz respeito a ano, mês ou dia. Somente os intervalos definidos por duas datas exatas (ou pelo menos contendo ano e mês, para as datas posteriores a 1957) foram utilizados para calcular a média. A média foi então aplicada de modo encadeado até a última data de nascimento conhecida em determinada história reprodutiva, como mencionei anteriormente.

As características específicas dos intervalos foram também levadas em conta nas estimações?

Sim, foram. Para ter mais precisão, calculamos diversas médias para a extensão dos intervalos, dependendo do tipo de intervalo. A extensão de um intervalo pode variar em razão da presença ou ausência de mortalidade fetal ou infantil dentro de sua abrangência. Um intervalo que não contenha mortalidade fetal ou infantil entre o período de dois nascimentos nele definidos é chamado de intervalo regular. Morte fetal (abortos provocados ou espontâneos) pode prolongar a extensão de um intervalo entre dois nascimentos vivos, evidentemente, por causa do tempo de gestação. Nesse tipo de intervalo pode haver outras variações sistemáticas dependendo do tipo de morte fetal. Abortos deliberados geralmente ocorrem no segundo mês de gravidez (Early & Peters, 1990:76-77), ao passo que abortos espontâneos normalmente acontecem mais tarde, podendo ocorrer inclusive ao se completar a gravidez, como é o caso de natimortos. Mas eu dizia que se a morte fetal pode aumentar o intervalo, a morte de bebês (incluindo infanticídio) e de crianças pequenas de até dois anos e meio pode ter o efeito contrário. Essas mortes encurtam o intervalo, pois eliminam o processo de aleitamento, que tem efeitos contraceptivos. Isso abre a possibilidade de ocorrer uma nova gravidez mais rapidamente do que ocorreria caso a mulher tivesse continuado a amamentar a criança por dois ou três anos. O resultado é um intervalo mais curto que o intervalo regular.

Pode-se falar, então, de uma certa tipologia de intervalos?

De fato. Em nosso trabalho, os intervalos definidos por intermédio de datas exatas (mês e ano) foram classificados em uma ordem de extensão decrescente: 1) intervalos contendo um aborto espontâneo (ou natimorto); 2) intervalos contendo um aborto provocado; 3) intervalos regulares, não contendo mortalidade fetal ou infantil; 3) intervalos em que o sibling precedente morreu entre o segundo mês e os dois anos e meio de vida; 5) intervalos em que o sibling precedente morreu no primeiro mês de vida.

Todos os intervalos classificados desse modo foram então listados junto aos os nomes das crianças e das mães. Examinamos os casos de intervalos incomuns, verificando se havia como explicá-los. Em geral, intervalos extremamente curtos indicam um erro dos dados. Esses intervalos foram retirados da amostra, até que pudéssemos verificá-los ou corrigi-los. Já os intervalos muito longos indicam geralmente uma lacuna nos nascimentos, demandando uma verificação em campo. As razões para intervalos mais longos que o normal podem ser determinadas. Incluem, por exemplo, viuvez, ausência de um parceiro ou esposo por períodos extensos, e assim por diante. Tais casos também foram retirados da amostra e colocados em uma categoria à parte, denominada 'intervalos estendidos'.

Assim, a extensão média dos intervalos entre nascimentos foi calculada com base nos casos que continuaram na amostra. A média do intervalo em que ocorreu morte do bebê no primeiro mês de vida ficou em 1,9 ano. Para o intervalo em que houve morte do bebê entre o segundo e o vigésimo sétimo mês de vida, a média ficou em 2,1 anos. A média do intervalo regular foi de 3,2 anos. A média do intervalo em que aconteceu aborto foi de 3,8 anos e a de intervalo em que houve caso de natimorto ficou em 4,1 anos (Early & Peters, 1990:46). Logo, a média apropriada foi aplicada à última data de nascimento conhecida dentro da história reprodutiva e, por conseguinte, de modo encadeado conforme já comentei, estimamos as datas que não tínhamos, referentes ao período pré contato.

Possivelmente as dificuldades maiores foram para o 'período pré-contato', não?

Sem dúvida. Havia histórias reprodutivas em que todos os nascimentos ocorreram antes de 1959, sem que conhecessemos. Contudo, algumas dessas histórias apresentavam uma criança do sexo feminino que posteriormente

tornou-se, ela própria, mãe em uma história reprodutiva mais recente. Se a data de nascimento do primeiro filho dessa mulher for conhecida, podemos estimar a idade dela com base na média de idade das mulheres no primeiro parto. Desse modo, a idade dessa mulher vai constar, por estimativa, na história de vida reprodutiva em que ela aparece como criança, junto com seus siblings. Isso nos dá a primeira data na lista desse grupo de irmãos. Adicionando ou subtraindo a correta duração média dos intervalos entre os nascimentos da referida mulher e de seus irmãos mais velhos ou mais novos, todas as outras datas de nascimento são estimadas. Em nossos dados existiam pouquíssimas histórias sem pelo menos uma data de nascimento conhecida e sem que pelo menos uma das crianças do sexo feminino tivesse se tornado mãe. Nesses poucos casos, procedemos da seguinte forma: a idade de uma das crianças foi estimada pela idade relativa de uma pessoa em outra história, cuja data de nascimento era conhecida ou estimada. De um conjunto de siblings, selecionávamos um indivíduo mediante apresentação de dados de melhor qualidade para comparação com aquela pessoa. E, novamente, utilizando o cálculo em cadeia para siblings mais velhos e mais novos do indivíduo de referência, cuja idade então acabara de ser estimada, podíamos determinar todas as outras datas. É bom esclarecer que todas as datas estimadas foram confirmadas depois por intermédio de uma listagem em ordem cronológica, cuja sequência foi verificada por diferentes Yanomami que entrevistamos. Esse procedimento de verificação permitiu que fizéssemos ainda alguns pequenos ajustes.

E quanto a outros eventos demográficos, como óbitos e migração?

Casos de morte e migração ocorridos antes de 1959 foram estimados pelas informações conhecidas sobre nascimentos imediatamente anteriores ou posteriores ao óbito em questão. Tendo determinado previamente as datas de nascimento, o método permite estimar as datas de óbito. Isso se chama método da idade relativa.

Fizemos um esforço concentrado para enumerar os casos de infanticídio durante o período pré-contato. É possível que alguns tenham escapado. Entretanto, acreditamos que a listagem é de alta qualidade. As informações foram obtidas junto a muitas mulheres Yanomami e verificadas, na medida do possível, com alguns outros Yanomami. Um dos nossos assistentes indígena na pesquisa era uma senhora Yanomami que começou a ter filhos em 1939, época em que a população feminina em idade reprodutiva era relativamente pequena, de modo que casos de gravidez e partos eram muitos bem conhecidos e conversados entre as mulheres. Além disso, conhecendo os dados sobre espaçamento

puerperal do período, havia pouca chance de omissões de casos de infanticídio. E os poucos intervalos possíveis foram cuidadosamente investigados.

As datas dos eventos demográficos nos últimos sessenta e seis anos foram divididas em quatro períodos não uniformes, determinados pela variação das condições históricas, socioeconômicas e de saúde, do seguinte modo: a) 'período pré-contato', de 1930 a 1956; b) 'primeiros contatos', de 1957 a 1960; c) 'período de ligação', de 1961 a 1981; e d) 'período brasileiro', de 1982 ao final de 1995.

Fale-nos sobre os dois livros publicados. Como se complementam?

Em 1990, publicamos o primeiro volume com o resultado de nossas pesquisas (Early & Peters, 1990). O livro examina a dinâmica populacional dos Yanomami do rio Mucajaí, que, para fins das análises, foram entendidos de 1958 a 1987 como a composição de uma única população. Lançamos mão de dados etnográficos para descrever os costumes e a estrutura social relacionados a quatro variáveis demográficas básicas: fecundidade, mortalidade, imigração e emigração.

Em 2000, publicamos o segundo volume da pesquisa (Early & Peters, 2000) em que alargamos o escopo temporal da análise, adicionando a reconstrução do 'período pré-contato' (1930 a 1956) e atualizando os resultados com novos dados referentes ao período que ia desde 1988, época em que preparamos o primeiro volume, até 1995. Nesse segundo volume consideramos o grupo do Mucajaí como formado por oito populações definidas por cada uma das oito aldeias. Isso nos permitiu contemplar a variação da dinâmica populacional dentro desse grupo total. Também sintetizamos o material para o grupo inteiro.

É importante observar que esses dois livros devem ser compreendidos como um único trabalho. Inicialmente não pretendíamos publicar dois volumes; todavia, foi assim que aconteceu. Algumas pessoas, sem lerem o primeiro livro, têm a impressão errônea de que o segundo lhe é superior. No segundo, nós não repetimos tópicos já tratados no primeiro e que não precisavam de ser revistos. Isso vale particularmente no caso da etnografia Yanomami e na descrição de sua estrutura social. Os dois livros, no entanto, devem ser vistos como uma unidade, contendo referências recíprocas que levam de um a outro e vice-versa. Isso não foi explicado claramente no segundo volume, causando certa confusão. Idealmente, os dois livros precisariam de ser reescritos e

publicados em um único volume em que o material fosse apresentado de maneira mais integrada.

Como estão estruturados os dois livros?

O material pode ser dividido em alguns tópicos principais. O primeiro volume e a primeira parte do segundo tratam da dinâmica populacional interna dos Mucajaí Yanomami. O segundo volume contém algumas seções adicionais. Discutindo sobre meus livros anteriores com diferentes profissionais, vi que alguns deles não entenderam certos índices demográficos. Assim sendo, no segundo livro, acrescentamos um capítulo explicando princípios básicos de demografia para que o leitor não-demógrafo pudesse melhor compreender as partes subseqüentes. Existe um outro capítulo em que fazemos uma crítica ao trabalho etnográfico de alguns antropólogos. Em uma seção adicional procuramos situar o estudo do Mucajaí num contexto mais amplo, especialmente para o entendimento do que chamamos 'período brasileiro'. Como se fossem círculos concêntricos que se expandem, abordamos outros grupos Yanomami de Roraima, mas cuja situação só poderia ser entendida em referência ao contexto nacional brasileiro que, por sua vez, tem de ser considerada no âmbito de uma perspectiva internacional. Eu não tenho a pretensão de ser especialista em todas essas áreas. Isso talvez explique algumas lacunas no texto, sobretudo a falta de referência a trabalhos brasileiros, já que para mim é difícil ler em português.

Qual é o quadro geral que se apreende pelo estudo que vocês conduziram?

Nós examinamos a dinâmica populacional dos Mucajaí Yanomami desde 1930, ano em que a população somava noventa e seis pessoas, até o início de 1996, quando eles já somavam trezentos e sessenta e uma pessoas (Figura 1). No início do século XXI, esse número já passa de quatrocentos. A Figura 2 mostra as mudanças radicais na distribuição sexo-idade sofridas pelo grupo nos últimos sessenta e seis anos, indicando alterações na estrutura populacional. Lançando mão de dados históricos, etnográficos e biológicos, esses sessenta e seis anos foram divididos em quatro períodos, como falei anteriormente, a fim de que pudéssemos analisar dinâmicas demográficas distintas. A Tabela 1 mostra, em cada período (pré-contato, primeiros contatos, ligação e brasileiro), os números absolutos e as taxas brutas das variáveis demográficas básicas, bem como a razão entre os sexos (sex-ratio) e as estratificações segundo sexo e idade.

Figura 1 – Crescimento da população dos Mucajai Yanomami no período 1930-1996

Figura 2 – Composição da população segundo sexo e idade dos Mucajai Yanomami no período 1930-1996

Tabela 1 – Perfil demográfico dos Mucajaí Yanomami segundo os diversos períodos entre 1930-1996

	1930	Pré-contato	1957	Contato	1961	Ligação	1982	Brasileiro	1996
Tamanho da população	96		120		114		295		361
Incremento		24		-6		181		66	
Crescimento natural		16		-12		135		87	
Nascimentos		79		14		201		210	
Óbitos		63		26		66		123	
Migração líquida		8		6		46		-21	
Imigrantes		8		6		49		21	
Emigrantes		0		0		3		42	
Taxas brutas									
Incremento		8,4		-12,8		47,1		14,9	
Crescimento natural		5,6		-25,6		35,1		19,7	
Taxa bruta de natalidade		27,8		29,9		52,3		47,5	
Taxa bruta de mortalidade		22,2		55,6		17,2		27,8	
Migração líquida		2,8		12,8		12,0		-4,8	
Imigrantes		2,8		12,8		12,7		4,8	
Emigrantes		0,0		0,0		0,0		9,5	
Composição da população por sexo e idade									
População	96		120		114		295		361
Masculino	69		78		71		159		202
Feminino	27		42		43		136		159
% feminino	28,1		35,0		37,7		46,1		44,0
% por idade e sexo	% M	% F	% M	% F	% M	% F	% M	% F	
0-14,9	22,6	9,9	18,3	15,8	22,6	21,7	27,9	19,5	
15-29,9	22,2	5,0	14,4	6,6	11,9	13,5	13,1	13,6	
30-44,0	14,5	6,2	18,7	4,9	9,6	4,7	6,9	7,9	
45 +	9,7	10,0	12,9	8,2	10,2	4,9	7,2	4,0	
Total	68,9	31,1	64,4	35,6	54,3	45,7	55,1	44,9	

Fale-nos sobre o 'período pré-contato'.

O que chamamos de 'pré-contato' vai de 1930 a 1956. No início de 1930, como disse, a população era de noventa e seis pessoas. Ao fim de 1957, havia passado para cento e vinte, o que corresponde a um aumento de apenas vinte e quatro indivíduos em um período de vinte e sete anos, isto é, uma taxa de crescimento

de 0,8%. A principal razão para um crescimento tão vagaroso era a taxa bruta de natalidade (27,8 por mil), baixa para uma população que não fazia uso de contraceptivos. No entanto, a taxa de fecundidade total era de 7,1, número próximo à média esperada (8,0) para esse tipo de população. Isso significa que as mulheres em idade reprodutiva vinham gerando filhos dentro do padrão de normalidade. A baixa natalidade devia-se justamente ao pequeno número de mulheres em idade reprodutiva na população (apenas 11%), à medida que numa situação de razões de sexo mais equilibrada, a porcentagem de mulheres em idade reprodutiva fica em torno de 20%. Não sabemos a causa para essa baixa proporção de mulheres em idade reprodutiva. Há hipóteses sugerindo que isso se devia à preferência pelo infanticídio feminino. Sem dúvida é um fator, mas duvido que seja a causa principal.

É possível apontar para algumas das consequências demográficas da prática do infanticídio feminino preferencial, particularmente seus reflexos sobre os padrões de nupcialidade?

O desequilíbrio na razão entre os sexos (sex ratio) causou um problema matrimonial: poucas mulheres para muitos homens. O resultado foi um aumento das uniões poliândricas, como demonstramos no primeiro livro (Early & Peters, 1990:103-108). Quase a metade (48%) de todas as uniões matrimoniais ocorridas durante a década 1950 foram de tipo poliândrico. Na maioria dos casos, irmãos desposavam a mesma mulher, isto é, poliandria fraterna. À proporção que a população restaurou o equilíbrio entre os sexos, a poliandria decresceu fortemente, dando lugar a uniões monogâmicas.

O problema tornava-se mais complicado por causa do sistema de parentesco Yanomami, com suas prescrições de casamento entre primos cruzados. Como se sabe, o casamento entre primos paralelos é proibido; o cônjuge preferencial é um primo cruzado. Numa população pequena, isso pode acabar excluindo do universo dos parceiros matrimoniais possíveis um número significativo – e em muitos casos, a maioria – das pessoas do sexo oposto. É um fator cultural que pode atrasar os casamentos, gerando impacto sobre a taxa de fecundidade.

Pode-se falar da manutenção de um padrão reprodutivo entre os Yanomami ao longo do tempo?

Certamente. Mostramos no primeiro livro (Early & Peters 1990:37-51) que o padrão reprodutivo permaneceu constante ao longo dos últimos sessenta e seis anos, com mínimas exceções.

Pensando no ciclo feminino: a primeira menstruação ocorre entre os doze, treze anos; a primeira coabitação por volta dos quatorze. A mulher tem seu primeiro parto com a idade média de 16,8 anos, caso não tenha havido anteriormente abortos ou morte fetal. A extensão média do intervalo entre os nascimentos é de 3,2 anos, desde que, novamente, não tenha havido aborto, morte fetal ou morte infantil neste intervalo. A menopausa acontece em torno dos quarenta anos. A mortalidade é moderada, apresentando taxa bruta de 16 óbitos por mil habitantes. Esse número poderia ser mais alto se houvesse maior equilíbrio na razão entre os sexos. O número pequeno de mulheres prolíficas significa que há, relativamente, menos bebês na população, grupos de idade que apresentam, em geral, mortalidade alta.

E quanto ao período seguinte, o chamado 'primeiros contatos'?

De acordo com o que mencionei há pouco, chamamos de 'primeiros contatos' o período que vai de 1957 a 1960. Devo frisar que no segundo livro revisamos em parte a análise desse período publicada no volume de 1990. Foi necessário fazer uma ligeira modificação nos anos que definem o período, à medida que os dados demográficos nos levaram a aprofundar a história do grupo. No início do período, a população era de cento e vinte pessoas, caindo para cento e catorze ao fim de 1960. Uma queda de seis pessoas em quatro anos, a saber, um declínio de 1,3%.

O principal motivo do declínio populacional foi a alta mortalidade, com uma taxa bruta de 55,6 por mil. As doenças infectocontagiosas foram a causa principal do alto nível de mortalidade. Estas últimas, por sua vez, resultaram dos primeiros contatos que o grupo do Mucajaí manteve com outros grupos Yanomami e com os brasileiros. Não sabemos exatamente quais foram as vias de entrada das doenças, sequer se houve uma única via. O fato é que, tendo começado sua busca por ferramentas de aço e bens industrializados em 1957, o grupo do Mucajaí passou a fazer diversas viagens por ano, descendo o rio para visitar fazendas de regionais brasileiros. Nessa época, também estabeleceram contato com outros grupos Yanomami vizinhos, de quem estavam afastados por quase vinte anos. Algumas dessas comunidades Yanomami já mantinham contato freqüente com os brasileiros: recebiam a visita de garimpeiros e de alguns militares. É possível que as moléstias tenham sido adquiridas por intermédio de contatos com outro grupo Yanomami que habitava um tributário do alto rio Mucajaí e mantinha contatos esporádicos com os brasileiros por uma rota de comércio ao longo do rio Catrimani.

Outras razões influenciaram o decréscimo populacional durante esse período?

Sim, pois nesse período manteve-se baixo o número de mulheres em idade reprodutiva, o que é uma outra causa para o declínio. O nível de natalidade, cuja taxa bruta era de 30 por mil, e a taxa de imigração, da ordem de 13 por mil, foram insuficientes para compensar a alta mortalidade. Porém, a imigração consistia especialmente de mulheres em idade reprodutiva, oriundas de outras comunidades Yanomami, que vinham para se casar com homens do Mucajaí. Isso começou a reduzir o desequilíbrio entre os sexos, fato que acabaria por ter um impacto na fecundidade dos períodos posteriores.

E quanto ao período seguinte, o chamado 'período de ligação'?

O período seguinte foi de 1961 a 1981. Esses anos foram marcados por contatos intermitentes com a sociedade nacional e por contatos mais freqüentes com outros grupos Yanomami. As visitas rio abaixo aos fazendeiros ribeirinhos se intensificaram, já que alguns Mucajaí Yanomami começaram a trabalhar temporariamente nas fazendas. Ali foram familiarizando-se com a sociedade brasileira. Eventualmente, alguns deles acompanhavam os fazendeiros até a cidade de Boa Vista, e, dessa maneira, iam alargando seu horizonte e seus conhecimentos.

Durante esses vinte e um anos, a população cresceu, passando de cento e quatorze para duzentos e noventa e cinco pessoas. Uma taxa de crescimento rápida, derivada da queda na mortalidade, que passou de 55,6 (no período anterior de primeiros contatos) para 17,2 por mil. Entretanto, um fator tão importante quanto esse foi o crescimento na taxa bruta de natalidade, que passou de 28 e 29 (nos períodos anteriores, respectivamente) para 52 por mil nesta fase 'de ligação'.

O que causou a redução da mortalidade nesse período?

Foram vários os fatores. Após a devastação inicial promovida por epidemias, o grupo do Mucajaí começou a adquirir imunidade contra algumas doenças infectocontagiosas. Além disso, eles foram assistidos pelos programas de saúde dos missionários. Embora o programa consistisse apenas na manutenção de uma farmácia razoavelmente suprida, foi o suficiente para resolver várias situações médicas, muitas no estágio inicial, antes que o problema se tornasse

grave. A farmácia era mantida por uma enfermeira treinada e possuía um equipamento de rádio capaz de contactar a cidade de Boa Vista, em caso de necessidade de atendimento. Essa enfermeira estava em contato diário com os Yanomami, não apenas na farmácia, mas interagía com eles e os visitava em suas yanos (casas). Quer dizer, essa enfermeira também estava fazendo um serviço de saúde pública, todo tempo procurando educar os Mucajaí Yanomami a respeito das doenças mais comuns e do que fazer para evitá-las e delas tratar. Outro fator importante foi o relativo isolamento do Mucajaí em relação à população brasileira de uma maneira geral. À época, os brasileiros eram possivelmente as principais fontes de contágio para os índios, mesmo que, algumas vezes, as doenças não lhes causassem tantos danos como causam aos índios. Assim, nesse período, é provável que a maioria das doenças no Mucajaí tenha sido contraída de outros grupos Yanomami que, por sua vez, estavam em contato mais próximo com a população nacional.

Que fatores estiveram associados ao aumento da natalidade?

Ele resultou tanto do aumento absoluto quanto do aumento relativo de mulheres em idade reprodutiva. Isso, por seu turno, originou-se de um equilíbrio aproximado na razão de sexo dos nascimentos ocorridos nos anos anteriores, bem como – é fundamental observar – da imigração de mulheres oriundas de outras aldeias Yanomami.

E a fase seguinte que vocês denominaram de 'período brasileiro'?

Esse período vai de 1982 a 1995. Chamamos esses anos de 'período brasileiro' porque o contato com a sociedade nacional cresceu a ponto de causar um impacto significativo na demografia do Mucajaí. As temporadas fora da comunidade, quando as pessoas iam trabalhar nas fazendas e na cidade de Boa Vista, intensificaram-se bastante. Algumas dessas estadias tornaram-se permanentes, passando a contar como emigração para áreas não-indígenas. A explosão do garimpo teve um sério impacto sobre o grupo, uma vez que o rio Mucajaí transformou-se uma importante hidrovia, transportando suprimentos para os tributários localizados na porção mais alta do rio. As lideranças Mucajaí começaram a participar de um movimento indígena mais amplo, regional e nacional, em defesa de seus direitos e da proteção de suas terras. Por volta dessa época, a Fundação Nacional do Índio (Funai) criou um posto no baixo Mucajaí para onde algumas aldeias foram realocadas. Os Mucajaí já haviam mantido contatos esporádicos com a população nacional nos períodos que chamamos de 'primeiros contatos' e 'de ligação', contudo, agora a vida nacional

tornara-se realmente parte de suas vidas. Durante o 'período brasileiro' a população passou de duzentos e noventa e cinco para trezentos e sessenta e uma pessoas, um aumento de apenas sessenta e seis pessoas em quatorze anos, o que representa uma taxa bruta de crescimento de 14,9 por mil ou 1,5%. Essa taxa é significativamente menor do que a que verificamos no período anterior, que foi de 47,1 por mil ou 4,7%.

Que fatores estiveram associados ao baixo crescimento nesse período?

A principal razão foi o aumento da mortalidade gerado pelo maior contato com a sociedade nacional. As doenças continuaram a ser um problema, principalmente a malária, adquirida, sobretudo, dos garimpeiros, e a tuberculose, adquirida de outros grupos Yanomami em contato mais próximo com os brasileiros. A emigração foi outro fator que contribuiu para o declínio populacional. Nesse período, quarenta e duas pessoas deixaram a comunidade em caráter permanente. Essa foi uma alteração importante, visto que no período anterior foram apenas três pessoas. Pela primeira vez houve emigração de mulheres Mucajaí para se casarem em outras aldeias. O total de casos de emigração foi grande o bastante para ultrapassar a lenta imigração, de modo que, pela primeira vez desde que começamos a pesquisa, aconteceu migração negativa. Um fator adicional para o decréscimo foi uma pequena queda na fecundidade. A queda pode ser uma variação estatística, pois os números são pequenos. A idade de coabitação parece estar aumentando, por razões que ainda não sabemos bem quais são. Talvez isso se deva ao maior tempo de permanência fora da área indígena, para fins de trabalho.

Seria possível resumir as principais características demográficas de cada um dos períodos?

No 'período pré-contato', o crescimento populacional foi pequeno particularmente em virtude da falta de mulheres em idade reprodutiva, com um agravante, qual seja, o sistema de casamento de primos cruzados. Isso representou um risco para a sobrevivência demográfica do grupo, que era relativamente pequeno.

A população decresceu no 'período dos primeiros contatos' em função da alta mortalidade gerada pelas doenças infectocontagiosas, para as quais o grupo, por muito tempo isolado, não tinha imunidade. Esse é um padrão comum em

situação de contato inicial. A baixa fecundidade e a imigração foram insuficientes para contrabalançar a alta mortalidade.

No 'período de ligação', houve um rápido crescimento populacional em razão da interação de todas as variáveis demográficas. Ocorreu uma queda significativa da mortalidade, um crescimento igualmente significativo da natalidade, acompanhado de uma taxa moderada de imigração e de emigração mínima.

Finalmente, no 'período brasileiro' também aconteceu um aumento populacional; porém, muito mais lento do que no período precedente. Houve um aumento considerável da mortalidade e da emigração. Esses fatores, juntamente com uma ligeira queda na fecundidade e com uma diminuição da taxa de imigração, redundaram numa desaceleração do crescimento em relação ao período anterior.

Um tópico importante na literatura sobre demografia dos povos indígenas diz respeito ao infanticídio. Qual a contribuição das pesquisas de vocês para esse tópico?

É verdade. Falamos sobre a taxa de mortalidade dos períodos anteriores, sem que eu aprofundasse a questão do infanticídio. Vários antropólogos, sobretudo os norte-americanos, escreveram sobre a ocorrência de infanticídio entre os Yanomami. Nenhuma dessas descrições tem fundamento em dados demográficos confiáveis.

Pois bem, nossa pesquisa traz uma série de dados sobre infanticídio. De fato, o infanticídio existe. Os Yanomami consideram-no um aborto terminal e não um homicídio. Duas questões aparecem na discussão do infanticídio: suas causas e seu impacto sobre a taxa de mortalidade infantil e sobre a mortalidade de maneira geral. A Tabela 2 mostra a ocorrência de infanticídio e suas diversas causas durante os quatro períodos históricos que pesquisamos. São ocasiões, grande parte das vezes, em que há rejeição do bebê, independente do sexo.

Tabela 2 – Frequências e porcentagens de infanticídio por período, sexo e razão

	Pré-contato (1930-1956)			Contato (1957-1960)			Ligação (1961-1981)			Brasileiro (1982-1995)			Total		
	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F
N. de infanticídios	13	2	11	1	-	1	13	4	9	17	7	10	44	13	31
Razão (M e F)															
Intervalo	-	-	-	-	-	-	2	-	2	-	-	-	2	-	2
Deformidade	-	-	-	-	-	-	1	-	1	5	3	2	6	3	3
Falta de suporte	4	1	3	-	-	-	6	3	3	3	1	2	13	5	8
Desconhecida	2	1	1	-	-	-	2	1	1	5	3	2	9	5	4
Razão - somente F															
Este nascimento	3	-	3	1	-	1	2	-	2	4	-	4	10	-	10
Qualquer nascimento	4	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	4
Porcentagens															
Infanticídios	100	16	84	100	-	100	100	31	69	100	41	59	100	30	70
Todas as razões	100	100	100	100	-	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
M ou F															
Intervalo	-	-	-	-	-	-	15	-	22	-	-	-	5	-	6
Deformidade	-	-	-	-	-	-	8	-	11	29	43	20	14	23	10
Falta de suporte	31	50	27	-	-	-	46	75	33	18	14	20	30	38	26
Desconhecida	15	50	16	-	-	-	15	25	11	29	43	20	20	38	13
Somente F															
Para este nascimento	23	-	18	-	-	-	15	-	22	24	-	40	23	-	32
Qualquer nascimento F	31	-	36	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	-	13

O que explicaria tais rejeições?

O espaçamento, vale dizer, o tempo entre o nascimento de um filho e outro, pode ser um problema para os Yanomami por causa da necessidade de amamentação. A fonte básica de alimento de um bebê Yanomami é o leite materno. Isso faz com que uma criança careça de ser amamentada até seus dois anos, pelo menos. Por conseguinte, como muitos outros povos indígenas, os Yanomami entendem que o leite materno é limitado, ou seja, uma mulher só pode amamentar adequadamente um filho por vez. Portanto, é claro que, ocorrendo um novo processo de gravidez e parto pouco tempo depois do nascimento da criança lactente, o novo bebê estaria competindo com o primeiro pelo leite da mãe. Nesses casos, sobre os quais escrevemos no primeiro livro (Early & Peters, 1990:77), é comum que a gravidez seja interrompida no segundo

mês. Mas, se por qualquer motivo o aborto não acontece nessa etapa, a atitude adotada imediatamente após o parto será o infanticídio. No caso de gêmeos, pela mesma razão, um dos bebês será rejeitado. Em geral, a mãe fica com o bebê do sexo masculino ou com o que lhe parecer mais forte e saudável.

Problemas relacionados ao sustento da criança também são fatores importantes. Uma criança rejeitada caso uma mulher imagine que não pode contar com um homem para sustentá-la. Isso se aplica a diversas situações. Por exemplo, se a continuação do casamento for incerta, um novo bebê – ou recém-nascido – não será desejado. Mulheres viúvas que engravidam também podem vir a cometer infanticídio. Quando o pai reconhecido do bebê não é o marido da mãe ou quando um casal se separa antes do nascimento da criança, também pode levar ao infanticídio. Além disso, qualquer deformidade física resulta em infanticídio, inclusive aquelas que consideraríamos insignificantes, como membranas interdigitais, por exemplo. A deformidade é vista como maldição e a criança é rejeitada.

E quanto ao infanticídio preferencialmente direcionado para as crianças do sexo feminino?

Normalmente, isso acontece quando o casal já tem muitas filhas e deseja um menino. Se a próxima criança a nascer for uma menina, pode ser rejeitada para que a mãe possa engravidar rapidamente de novo, na expectativa de um menino. Temos uma história de vida reprodutiva que ilustra bem essa estratégia. É a de uma família com três casos de infanticídio feminino. A sequência de nascimento dos filhos (M indica um menino, F uma menina e I um infanticídio) foi a seguinte: F, M, M, F, F, F, F-I, M, F-I, M, F-I, F. Algumas famílias desejam que o primeiro filho seja do sexo masculino e rejeitam as meninas em todo esse estágio, até que venha o menino. Enfim, essas são as situações mais comuns de infanticídio preferencial feminino entre os Yanomami. Não há uma rejeição sistemática a todos os bebês do sexo feminino. No conjunto de dados que obtivemos, só aparecem duas famílias que rejeitavam todas as meninas, em face de um desejo de fortalecer suas condições de subsistência.

Foi possível estimar o impacto do infanticídio preferencial de meninas na mortalidade geral?

Sim, procuramos avaliar esse impacto na mortalidade geral. A questão envolve diversos níveis de classificação de mortalidade, alguns que utilizamos pouco

por falta de dados. De forma preliminar, fizemos uma decomposição da mortalidade geral e infantil em algumas categorias. Com isso, podemos analisar a contribuição do infanticídio para a estrutura de mortalidade global. Consideremos o Diagrama 1. Começando pela esquerda (com a mortalidade total) e prosseguindo pelo ramo superior, a Tabela 3 formula questões cada vez mais específicas sobre a mortalidade. O ramo inferior traz as categorias residuais que esclarecem a respeito do que se excluiu do ramo superior. Complementando, a Tabela 3 mostra o impacto do infanticídio sobre diversos números e taxas de mortalidade: óbitos infantis, óbitos totais, taxa bruta de mortalidade e taxa de mortalidade infantil. Os missionários relataram somente quatro casos em que sua intervenção evitou o infanticídio. Isto é, a presença missionária não teve nenhuma influência importante nesses números.

Diagrama 1 – Esquema de análise dos óbitos por infanticídio no conjunto geral dos óbitos

Fale-nos sobre a distribuição espacial das comunidades.

No decorrer dos sessenta e seis anos cobertos pela pesquisa, existiram oito aldeias Mucajaí Yanomami. Nós analisamos a dinâmica populacional de cada aldeia, procurando entender a diferenciação demográfica interna ao grupo como um todo. Os resultados foram publicados em nosso segundo livro (Early & Peters, 2000:101-190). É importante levar em consideração as dimensões diferenciais de população de cada aldeia em particular, por causa de seu impacto sobre o perfil demográfico geral do grupo, como discutimos há pouco. Quanto maior o tamanho populacional de uma aldeia em relação às outras, maior será seu impacto. A Tabela 4 mostra as dimensões populacionais das oito aldeias e a contribuição porcentual de cada uma para o conjunto populacional tomado em bloco.

Tabela 3 – Infanticídio entre os Mucajaí em vários períodos e sua relação com outros parâmetros demográficos

	Pré-contato (1930-1956)	Contato (1957-1960)	Ligação (1961-1981)	Brasileiro (1982-1995)	Total
I. Números absolutos					
1. Todos os óbitos	63	26	66	123	278
2. Óbitos infantis	14	2	26	42	84
3. Casos de infanticídio	13	1	13	17	44
4. Infanticídio preferencial feminino (IPF)	7	1	2	4	14
5. Nascidos vivos	79	14	201	210	504
6. Pessoa-ano	2843	468	3844	4420	11574
II. Composição percentual dos infanticídios					
7. IPF (4/3) *	53,8	100	15,4	23,5	31,8
8. Outros (100% -7)	46,2	-	84,6	76,5	68,2
III. Composição percentual dos óbitos em crianças					
9. Infanticídio (3/2)	92,9	50,0	50,0	40,5	52,4
10. IPF (4/2)	50,0	50,0	7,7	9,5	16,7
IV. Composição percentual do total de óbitos					
11. Óbitos de crianças (2/1)	22,2	7,7	39,4	34,1	30,2
12. Infanticídio (3/1)	20,5	0,8	19,7	13,8	15,8
13. IPF (4/1)	11,1	3,8	3,0	3,3	5,0
V. Alguns componentes da taxa bruta de mortal. (TBM)					
14. Taxa bruta de mortalidade (1/6)	22,2	55,6	17,2	27,8	24,0
15. Devido a óbitos em crianças (2/6)	4,9	4,3	6,8	9,5	7,3
16. Devido a infanticídio (3/6)	4,6	2,1	3,4	3,8	3,8
17. Devido a IPF (4/6)	2,5	2,1	0,5	0,9	1,2
18. Porcentagem da TBM devido a IPF (17/14)	11,1	3,8	3,0	3,3	5,0
VI. Alguns componentes da taxa de mortalidade infantil					
19. Taxa de mortalidade infantil (2/5)	177,2	142,9	129,4	200,0	166,7
20. Devido a infanticídio (3/5)	164,6	71,4	64,7	81,0	87,3
21. Devido a IPF (4/5)	88,6	71,4	10,0	19,0	27,8
VII. Razões de sexo hipotéticas					
22. Razão de sexo no nascimento (RSN)	48,1	50,0	48,3	44,8	46,3
23. RSN, removendo infanticídio (5-3)	40,9	46,2	46,8	45,9	45,6
24. RSN, removendo IPF (5-4)	43,1	46,2	47,7	43,7	45,3

Obs.: Os números entre parênteses indicam as linhas nas quais estão localizadas os valores utilizados nos cálculos. Por exemplo, os valores da linha 7 foram obtidos pelo quociente dos valores da linha 4 pela linha 3.

Tabela 4 – População total (P) e pessoas-ano (PA) das aldeias Xilixana em diferentes períodos

População (P) e pessoas-ano (PA)									
Grupo		1930	Pré-contato	1957	Contato	1961	Ligação	1982	Brasileiro
	P	96		120		114		295	361
aldeias	PA		2843		468		3844		4420
A	P	11		17		-		-	-
	PA		398		9		-		-
B	P	33		21		28		65	37
	PA		758		118		923		663
C	P	52		82		38		107	47
	PA		1687		316		1300		774
D	P	-		-		48		73	57
	PA		-		26		1076		929
E	P	-		-		-		50	71
	PA		-		-		545		865
F	P	-		-		-		-	-
	PA		-		-		-		87
G	P	-		-		-		-	94
	PA		-		-		-		729
H	P	-		-		-		-	55
	PA		-		-		-		374
Tamanho da população e pessoas-ano como % da população do grupo de aldeias									
Grupo	P	100%		100%		100%		100%	100%
aldeias	PA		100%		100%		100%		100%
A	P	11,5%		14,2%		-		-	-
	PA		14,0%		1,9%		-		-
B	P	34,4%		17,5%		24,6%		22,0%	10,2%
	PA		26,7%		25,4%		24,0%		15,0%
C	P	54,2%		68,3%		33,3%		36,3%	13,0%
	PA		59,3%		67,5%		33,8%		17,5%
D	P	-		-		42,1%		24,7%	15,8%
	PA		-		5,6%		28,0%		21,0%
E	P	-		-		-		16,9%	19,7%
	PA		-		-		14,0%		19,6%
F	P	-		-		-		-	-
	PA		-		-		-		2,0%
G	P	-		-		-		-	26,0%
	PA		-		-		-		16,5%
H	P	-		-		-		-	15,2%
	PA		-		-		-		8,5%

Como variaram essas comunidades ao longo das várias fases, incluindo as relações entre elas?

Nos períodos 'pré-contato' e 'primeiros contatos', a aldeia C exercia um claro domínio sobre as duas outras que compunham o grupo. A aldeia A teve um período de mortalidade alta após uma viagem durante a qual seus habitantes desceram o rio, no ano de 1957. A taxa bruta foi de 227 por mil nesse período. De saída, já era uma aldeia pequena. E com a alta mortalidade, o resultado foi a dispersão e posterior fusão com a aldeia B. Após cerca de um ano, a aldeia B também sofreu uma alta de mortalidade, com uma taxa bruta de 114 por mil. Nessa mesma época, a aldeia C tinha uma taxa bruta de apenas 28 por mil, equivale dizer que não sofreu alta de mortalidade. Por contribuir com uma porcentagem muito maior do total da população, os baixos níveis de mortalidade de C em relação aos das outras duas aldeias puxaram para baixo a taxa de mortalidade do grupo como um todo. Logo, a análise global da população, somando as três aldeias, mascara a grave crise demográfica que acometia individualmente as aldeias A e B. O mistério é saber por que não houve tantas baixas na aldeia C. Enfim, este é um exemplo de como a análise de cada aldeia individualmente é capaz de iluminar as dinâmicas diferenciais de população dentro do grupo.

Depois de tantos anos trabalhando na demografia dos Yanomami, como você avalia seu próprio trabalho e como vê o futuro dessa sociedade?

A pesquisa com os Mucajaí Yanomami foi única em muitos aspectos. Conseguimos compilar dados para análise de um período de sessenta e seis anos, incluindo vinte e oito anos que antecederam ao primeiro contato do grupo com o mundo exterior. Além disso, mesmo tendo trabalhado com um grupo não-letrado, cujo sistema de contagem é elementar, conseguimos determinar a idade em que ocorreram os eventos demográficos na vida de cada indivíduo da amostra. Sabendo que a idade é uma variável fundamental para a análise demográfica, isso nos abriu o caminho para o entendimento da dinâmica populacional.

Os Mucajaí Yanomami, que eram noventa e seis pessoas em 1930, passaram a trezentos e sessenta e uma ao final de 1995. Vale dizer, um crescimento de 265 pessoas em sessenta e seis anos, o que corresponde a uma taxa bruta de 2,6%. No alvorecer do século XXI eles já somam mais de quatrocentos. Os Mucajaí Yanomami são um exemplo histórico das teses de Gomes sobre "a virada demográfica" (Gomes, 2000), fenômeno que se contrapõe à visão pessimista

de Darcy Ribeiro (1967:86-87) sobre o resultado do contato indígena com a sociedade nacional. Do ponto de vista metodológico, nosso trabalho mostrou que a combinação de dados históricos, etnográficos e demográficos resulta em uma análise mais fina e profunda.

Quanto ao futuro dos Yanomami, particularmente do grupo que denominamos Mucajaí (apesar de algumas aldeias não estarem mais situadas nesse rio), penso que é preciso fazer uma distinção. Tomando os indicativos de crescimento populacional, acredito que eles irão sobreviver. No entanto, avalio que a questão mais importante é saber sob que condições eles irão sobreviver. Serão capazes de manter suas terras e seus direitos, ou os interesses de empresas mineradoras internacionais irão conseguir usurpar suas áreas, condenando os Yanomami a uma situação de campesinato empobrecido e péssimas condições de saúde? Os direitos humanos dos Yanomami serão respeitados?

Considerando as lições aprendidas do passado, eu diria que o prognóstico é sombrio. Se os Yanomami perderem suas terras, sua base econômica e sua autonomia, estarão fadados a perder também uma parte significativa de sua cultura.

Agradecimentos

John Early gostaria de expressar seu agradecimento à Associação Brasileira de Estudos Populacionais (Abep) e ao Fundo para Populações das Nações Unidas (Fnuap), por terem possibilitado a participação no seminário 'Demografia dos Povos Indígenas no Brasil', realizado em São Paulo em novembro de 2003. Também à Heloísa Pagliaro, que cuidou de todo o planejamento relativo à sua viagem ao Brasil. Os organizadores agradecem a Cesar Gordon, que preparou a tradução do inglês para o português.

Referências Bibliográficas

- EARLY, J. D. *The Demographic Structure and Evolution of a Peasant System: the Guatemalan Population*. Gainesville: University Press of Florida, 1982.
- EARLY, J. D. *La Estructura y Evolución Demográfica de un Sistema Campesino: La Población de Guatemala con un prólogo por Ricardo Falla*. (Serie Monográfica, 11) South Woodstock: Plumsock Mesoamerican Studies/ CIRMA, 2000.

- EARLY, J. D. & HEADLAND, T. N. *Population Dynamics of a Philippine Rain Forest People*. Gainesville: University Press of Florida, 1998.
- EARLY, J. D. & PETERS, J. F. *The Population Dynamics of the Mucajai Yanomama*. San Diego: Academic Press, 1990.
- EARLY, J. D. & PETERS, J. F. *The Xilixana Yanomami of the Amazon*. Gainesville: University Press of Florida, 2000.
- GOMES, M. P., 2000. *The Indians and Brazil*. Gainesville: University Press of Florida.
- RIBEIRO, D., 1967. Indigenous cultures and languages of Brazil. In: HOPPER, J. (Trad. e Org.) *Indians of Brazil in the Twentieth Century*. Publication N. 2. Washington, D.C.: Institute for Cultural Research Studies. p.77-165.

Formato: 21 x 26 cm
Tipologia: Egyptian 505 BT/Baker Signet BT

Papel: Print Max 90g/m² (miolo)

Cartão Supremo 250g/m² (capa)

Fotolitos: Laser vegetal (miolo)

Ace Digital Ltda. (capa)

Impressão e acabamento: Armazém das Letras Gráfica e Editora Ltda.
Rio de Janeiro, julho de 2005.

Não encontrando nossos títulos em livrarias,
contactar a EDITORA FIOCRUZ:
Av. Brasil, 4036 – 1º andar – sala 112 – Manguinhos
21040-361 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3882-9039 e 3882-9041
Telefax: (21) 3882-9006
e-mail: editora@fiocruz.br
<http://www.fiocruz.br/editora>